

O SILÊNCIO EM PLOTINO

Gabriela Bal

ISNS Conference, Liverpool, 24 June 2004

O Silêncio me conduziu a Plotino. O vislumbre do Silêncio na fala dos místicos¹ era, para mim, um indício não apenas da sua existência, mas da possibilidade de alcançá-lo a partir de um “empenho” e de um “exercício” capaz de conduzir a ele. Começava a surgir, desta maneira, através do Silêncio, ao mesmo tempo um ideal ou uma meta e um caminho que desconhecia, mas que supunha ter existido um dia nas tradições cristã e judaica. Perseguindo os rastros do Silêncio, bem como de “exercícios” ou “práticas” capazes de conduzir a ele, encontrei fora destas tradições, e, portanto, sem nenhuma conotação ascética formal, outras possibilidades de encaminhamento nesta direção. Assim, descobri o meu ofício – a Eutonia de Gerda Alexander² – e cheguei à academia³. Buscava encontrar palavras para falar do Silêncio - o silêncio inteligível. Ao saber de meu interesse por Filon de Alexandria o Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé sugeriu que lesse em Giovanni Reale⁴ também Plotino. De Filon a Plotino, o encontro com a filosofia grega antiga e a certeza de ter ‘encontrado’ aquele que me levaria ao encontro das respostas às questões, que nortearam minha caminhada por mais de vinte anos.

Percorremos com Plotino todos os lugares e em nenhum deles encontramos aquilo que buscávamos. Não encontramos na aparência nenhum vestígio, pois ele apenas se insinua no

¹ Especialmente Santa Teresa D'Ávila e São João da Cruz.

² A Eutonia é uma prática corporal terapêutica desenvolvida por Gerda Alexander (1908-1994) na Dinamarca que visa, entre outras coisas, oferecer aos praticantes recursos para que estes possam, através do “toque” do eutonista e/ou de exercícios de atenção dirigidos às sensações corporais, equilibrar o tônus, aprimorar a postura, os movimentos e os gestos no cotidiano, assim como a relação consigo mesmo e com o outro no mundo. Bibliografia sobre Eutonia: Gerda ALEXANDER. *Eutonia: Um caminho para a percepção corporal*. São Paulo, Martins Fontes, 1983; Gunna BRIEGHEL-MULLER. *Eutonia e relaxamento*. São Paulo, Manole, 1987; Berta VISHNIVETZ. *Eutonia: Educação do corpo para o ser*. São Paulo, Summus, 1995; Violeta Hemsy de GAINZA. *Conversas com Gerda Alexander: Vida e pensamentos da criadora da Eutonia*. São Paulo, Summus 1997; Gunna BRIEGHEL-MULLER e Anne-Marie WINKLEER. *Pedagogia e Terapia em Eutonia. Guia de regulação psicotônica*. São Paulo, Summus, 1999; Cecília Lourenço MAEDA. *Eutonia e processo de individuação: Uma abordagem psicossomática*, 2000. Dissertação de Mestrado, PUC-SP; Rosa Maria HÉRCOLES. *Eutonia: Um processo de comunicação no corpo*, 2000. Dissertação de Mestrado, PUC-SP.

³ Ao ser convidada a dar aulas de “Práticas de Desenvolvimento Pessoal” no curso de Relações Internacionais da Faculdade Santa Marcelina fui exigida com relação ao mestrado. Sem saber por onde começar, e não tendo ainda sequer um tema, percebi que só poderia estudar o “Silêncio”. Busquei, em função de minha prática profissional, primeiramente o Departamento de Semiótica da PUC-SP onde uma colega eutonista terminava o seu mestrado e, não encontrando ali a possibilidade de conduzir minha pesquisa em relação à mística, descobri a existência do Programa de Ciências da Religião. É por este motivo que entendo que a “prática” me conduziu ao mestrado.

⁴ G. REALE. *História da Filosofia Antiga – Vol. IV*. São Paulo: Loyola, 1994.

avesso⁵ e na costura, por isso perseguimos, por trás das aparências, o fio que tece a trama de seus escritos. Os ecos do Silêncio nos acompanhavam a cada passo, e pensávamos: onde o encontraremos? À medida que caminhávamos, as paisagens que eram vistas se tornavam elas mesmas visão. Visão e Contemplação eram a mesma coisa. Agíamos para ver e víamos para contemplar. Nossa escrita ia, ela mesma, tomando forma à medida que reconhecíamos, no entrelaçamento de um pensamento que torna manifesto tudo aquilo que conhece, aquilo que agregávamos à simplicidade original, e que por este motivo torna-se manifesto em nossos escritos. Esta etapa corresponde à primeira parte deste estudo - *O Silêncio em Plotino* - sendo sua densidade apenas um reflexo do movimento de afastamento com relação ao Princípio que se realiza num caminhar, que vai do inteligível ao sensível até a Natureza e o homem.

Integrado ao seu modo de pensar, e não apenas enquanto objeto do discurso, mas especialmente enquanto sujeito que constrói a ponte entre o reconhecimento de sua posição na estrutura hierárquica das realidades, o homem é convidado a assumir para si a tarefa de realizar a sua própria unificação. O discurso plotiniano é um discurso vivo no qual o interlocutor pode ver a si próprio refletido nas palavras que evocam “aquela lembrança” – a lembrança de si mesmo. Não estando presente no discurso apenas enquanto objeto, o homem pode, justamente por este motivo, pouco a pouco, inserir-se enquanto sujeito, e dele receber o impulso necessário para iniciar ou prosseguir a sua jornada na direção da unificação da Alma. À medida que caminhávamos deixávamos para trás tudo aquilo que não éramos, ou aquilo que descobríamos não nos pertencer desde o Princípio. Não há outra maneira de trilhar este caminho senão através do silenciar. Pressentíamos apenas a sua presença e, na Presença Daquele que nos inspirava, reconhecíamos, na distância, a possibilidade de encontrarmos o Silêncio em seus escritos. E, quando finalmente encontramos uma definição capaz de dar fim à nossa busca, vislumbramos em seu rastro os indícios que nos conduziram à nossa meta. Na segunda parte deste estudo - *O Silêncio em Plotino* - compartilhamos esta longa e solitária jornada. Ainda que solitários, não nos sentíamos sós, pois além da companhia de Plotino contamos com a companhia daqueles que, como nós, comentadores, perseguindo seus rastros, vislumbraram em seus escritos o Silêncio. Na terceira parte - *O Silêncio nos comentadores de Plotino* - suas vozes expressam os ecos do Silêncio plotiniano. Dentre eles destacamos, de 1947 a 2002, as contribuições de Pierre-Maxime Schuhl⁶, Jean Trouillard⁷, Giovanni Reale⁸,

⁵ A palavra “avesso” não é utilizada aqui com sentido de contrário, mas sim da trama que, oculta na costura, permite ao sistema se apresentar como tal.

⁶ P-M SCHUHL, Pierre-Maxime. *Études sur La Fabulation Platonicienne*. Paris, Presses Universitaires de France, 1947.

Annick Charles-Saget⁹, Pierre Hadot¹⁰, Jean-Louis Chrétien¹¹, Paul Mathias¹², Danielle Montet¹³, André Bord¹⁴, Michel Fattal¹⁵, Bertrand Ham¹⁶, Reinhold Aloysio Ullmann¹⁷, Bernard Collette¹⁸ e Florent Tazzolio¹⁹.

No início vislumbramos a idéia plotiniana da Contemplação. Mais que um conceito, a Contemplação corresponde a uma conversão do olhar que nos remete tanto ao Princípio²⁰ que nos engendrou, como a nós mesmos e a tudo aquilo que criamos. Entender a contemplação exige de nós um esforço no sentido de penetrar numa “forma de pensar”, que ultrapassa os limites do próprio pensamento discursivo e linear, pois a contemplação corresponde a um ato reflexivo, a uma “interiorização” independente do nível de realidade em que nos encontramos. No ato de contemplar, o que é contemplado está presente na contemplação e, nesse sentido, a contemplação é sempre contemplação de si mesmo. Contemplação é a um só tempo conversão e dispersão. Plenitude e falta²¹ são também contemplação. Na plenitude ocorre o transbordamento. O enfraquecimento decorrente do desdobrar-se alcança a ação. Agimos apenas porque queremos contemplar, ver e retornar à origem. Da falta à ação, à *práxis*, à unificação. Tudo isso ocorre sem que possamos dar-nos conta, em Silêncio. O movimento sucede-se no “derramar-se” das realidades sucessivas; de um movimento originado do repouso, sem esforço²². A contemplação é silenciosa e tudo acontece sem que nada seja feito.

⁷ J. TROUILLARD, *La Purification Plotinienne*. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.

⁸ G. REALE, *História da Filosofia Antiga*. v. I -V. São Paulo, Loyola, 1994.

⁹ A. CHARLES-SAGET, *L'Architecture du divin: Mathématique et philosophie chez Plotin et Proclus*. Paris, Societé d'Édition Les Belles Lettres, 1982.

¹⁰ P. HADOT, *Plotin: Traité 38*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1987. / *Plotin: Traité 9*. Paris, Les Éditions du Cerf, 1994. / *Plotin ou la Simplicité du regard*. Paris: Gallimard, 1997. / *La philosophie comme manière de vivre. Entretiens avec Jeannie Carlier et Arnold I. Davidson*. Paris, Albin Michel, 2001.

Exercices spirituels et philosophie antique. Préface d'Arnold I. Davidson. Paris, Albin Michel, 2002.

¹¹ J-L CHRÉTIEN, *La voix nue: La phénoménologie de la promesse*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1990.

¹² P. MATHIAS, *Plotin: Du Beau. Ennéades I, 6 et V. 8*. Paris: Pocket, 1991.

¹³ D. MONET, *Archéologie et généalogie. Plotin et la théorie des genres*. Grenoble, Editions Jérôme Millon, 1996.

¹⁴ A. BORD, *Plotin et Jean de La Croix*. Paris, Beauchesne Editeur, 1996.

¹⁵ M. FATTAL, *Logos et image chez Plotin*. Paris, L'Harmattan, 1998.

¹⁶ HAM, Bertrand. *Plotin: Traité 49 V. 3*. Paris, Les Éditions du Cerf, 2000.

¹⁷ R.A.ULLMANN, *Plotino: Um estudo das Enéadas*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.

¹⁸ B. COLLETTE, *Dialectique et Hénologie chez Plotin*. Bruxelles, Éditions OUSIA, 2002.

¹⁹ TAZZOLIO, Florent. *Du lien de l'Un et de l'être chez Plotin*. Paris, L'Harmattan, 2002.

²⁰ Utilizaremos a grafia maiúscula ao nos referirmos ao termo Princípio no sentido do termo grego *arkhé*.

²¹ Plotino utiliza a palavra desejo nos Tratados das citações da página 37, (50 [III 5], 2, 33-46), ao se referir ao movimento daquele que se afastou do princípio e que, justamente por isso, se sente impelido e atraído em sua direção. Aqui, poderíamos utilizar a palavra “desejo” como expressão do sentimento daquele que sente a falta. No entanto, acreditamos que o sentido que damos à palavra “desejo”, hoje, está muito distante (embora se relacione a ele) do sentido que Plotino dava ao termo. Por isso, optamos pela palavra “falta”, porque ela expressa, em oposição à plenitude, o estado daquele que se distanciou do Princípio.

²² Tratado 31[V 8], 7, 25-28.

E a contemplação é silêncio.
Toda realidade, portanto, é “contemplação” e “silêncio”.²³

Plotino descreve as etapas da ascese e realiza a caminhada junto com o leitor partindo de seu próprio referencial, ou seja, do local onde o leitor-interlocutor se encontra. Não existindo uma trajetória única, temos que a cada Tratado ou mesmo em seu conjunto, as *Enéadas*, indica muitas vias de acesso ao Princípio. A primeira etapa²⁴ da ascese diz respeito ao reconhecimento da existência da Alma, e de seu papel intermediador entre as realidades sensível e inteligível. A Alma racional conhece a si mesma quando, ao ser iluminada pela luz que emana do Intelecto, reconhece o seu afastamento e a distância com relação à sua origem. Ao alcançar este patamar do conhecimento de si mesma, ela cessa toda e qualquer atividade, e, ao ser atraída a um plano mais elevado, vive a vida daquele que tem a visão simultânea de si mesmo em todas as coisas – o Intelecto. O Intelecto que conhece a si mesmo enxerga a si próprio refletido nas Formas através das quais reconhece a sua dependência com relação ao Princípio, pois que não tem ainda luz própria, mas recebe a sua luz de outra luz mais forte. Como não possui ainda a luz que lhe ilumina, o Intelecto deve abandonar todo o conhecimento que adquiriu de si mesmo, pois o que ele conhece como sendo ele mesmo corresponde apenas a uma imagem daquele que se basta e que ele almeja tornar-se: o Princípio que não conhece nem mesmo a si próprio, porque se pudesse de fato se conhecer seria diferente dele mesmo e não seria mais o Princípio de todas as coisas. Somente o Um é auto-suficiente e não precisa nem mesmo de si próprio, pois que nada quer, nada necessita. Ele tão pouco conhece a si próprio, porque se de fato se conhecesse, não seria mais ele, senão outro.

À medida que nos aproximamos do Princípio, descortina-se um horizonte novo a ser percorrido, indicando que não alcançamos o termo de nossa viagem. Ainda que tenhamos vislumbrado no conhecimento do Intelecto a realização de nossa meta, ao chegarmos aí descobrimos que ainda falta ultrapassar uma passagem estreita de infinita potência. Falta-nos conhecer – e aqui conhecer é sinônimo de experimentar – tornar-se outro que o si-mesmo com o qual convivemos até então. Abandonar “o outro” que somos e nos tornarmos Um com o

²³ Giovanni REALE, *História da Filosofia Antiga*, p. 532.

Um. O Ser é o “Outro” com relação ao Um. Enquanto emanção primeira do Princípio, ele nasce da visão que a *enérgeia* tem de si mesma no instante em que a sua potência não pode mais ser retida em seu interior. A potência dá origem, assim, ao ato que realiza o afastamento de seu Princípio e que corresponde ao momento de indeterminação, conhecido também como Intelecto Amante. Ainda em contato direto com o Um, sua visão e contemplação são informes e não intelectuais.

Para que possamos aprofundar nosso conhecimento da realidade inteligível, devemos conhecer a realidade dos seres e as relações recíprocas que estes estabelecem entre si e com o Princípio. Buscando conhecer a relação existente entre os seres, somos conduzidos à noção dos “Gêneros primeiros”²⁵ apresentada primeiramente por Platão em *Sofista*²⁶ e renovada por Plotino no Tratado 43 [VI 2]. Os Gêneros Primeiros – o Ser, o Si-mesmo ou a Identidade, o Outro ou a Alteridade, o Movimento e o Repouso²⁷ – correspondem, em sua totalidade, ao Intelecto, pois apenas eles podem absorver e guardar a potência do Um em seu interior. Ao expressarem a unidade do Princípio – a unidade primeira do Um – os Gêneros realizam sua principal função que é estabelecer a conexão e a coesão entre as partes que compõem uma mesma realidade. Conhecer o “momento” de indefinição que dá origem aos Gêneros Primeiros ajuda-nos a reconhecer aquilo que ainda nos separa do Princípio, aquilo que falta abandonar para que a união se realize. Adentrar no “momento de indeterminação” do qual tudo emana e para o qual tudo se volta, realizar o mesmo movimento através do qual torna-se possível “a visão anterior à visão” é o mesmo que ter a experiência do “estremecimento do Um no Intelecto nascente”.²⁸

Neste sentido, pode ser interessante pensarmos que se o Si-mesmo e o Outro estão indissociavelmente unidos ao Movimento que realiza o afastamento com relação ao Princípio do qual nasce o Ser, cujo Repouso reflete a permanência do Um em si mesmo e para o qual nos voltamos, ao buscarmos a simplificação de nossa Alma, devemos realizar este mesmo movimento, só que em sentido inverso e, assim, partindo do “re-conhecimento” do Outro e de

²⁴ Embora o termo “etapa” indique uma sucessão de acontecimentos, convém ressaltar que neste caso elas não são excludentes, mas ao contrário, necessitam, umas das outras, para realizarem a sua meta a cada paisagem do caminho.

²⁵ Utilizaremos a grafia maiúscula ao nos referirmos aos Gêneros primeiros de Plotino e, neste sentido, poderemos diferenciá-los dos gêneros de Platão.

²⁶ PLATÃO, *Sofista*, 251 a – 259 e.

²⁷ Utilizaremos a grafia maiúscula ao nos referirmos a cada um dos Gêneros primeiros.

²⁸ D. MONTET, *Archéologie et généalogie: Plotin et la théorie platonicienne des genres*, p. 141-2. A autora emprega o termo “intelecto nascente” ao se referir ao Intelecto Amante.

Si-mesmo, realizar o único e mesmo Movimento capaz de nos reconduzir do inteligível ao Um. O que é este Movimento ao qual devemos retornar se quisermos ter a “experiência” do Um? E qual a via que nos conduz na sua direção? Em primeiro lugar, é conveniente esclarecermos que, em se tratando da “realidade indefinida” que se segue imediatamente ao Um, trataremos aqui do Movimento Primeiro e da Alteridade Primeira²⁹. O Movimento Primeiro realiza-se simultaneamente em dois sentidos: do afastamento com relação ao Princípio surge a Alteridade Primeira, e do retorno ou conversão a Ele revela-se a Identidade. A passagem da realidade inteligível à indefinição, a mais próxima do Um, realiza-se através da superação da Identidade no nível da tríade genérica relativa ao “Movimento-Identidade-Alteridade”, e corresponde à simplificação ou à passagem da realidade inteligível à Díade Indefinida³⁰. Composta pelo “Movimento primeiro e Alteridade primeira”³¹ ela “é” o que sempre “foi” antes mesmo de ter sido. Por trás da idéia da Díade Indefinida³², Plotino revela aquilo define o seu pensar. O pensamento de Plotino revela os reflexos da superabundância do Um presente nas Formas e esconde aquilo que permite às Formas se manifestar. O chão a partir do qual Plotino constrói o seu pensar diz respeito menos às Formas, e mais a tudo aquilo que, anterior a elas, é impassível, infinito e eterno.

A trama se tece a si mesma e assim surgem as realidades. A mesma trama permanece eternamente, porque, por trás dos reflexos, permanece aquele que tudo emana, e o que permanece tece a trama que estabelece a coesão entre as partes e que não é nem o Princípio, nem o seu reflexo, mas simplesmente o que a sustenta e mantém, porque não muda. O que

²⁹ Utilizaremos a grafia maiúscula e a palavra primeiro(a) ao nos referirmos ao Movimento e à Alteridade relativa à Díade Indefinida, como veremos a seguir.

³⁰ A concepção de “Díade Indefinida” em Plotino deve ser entendida não apenas como uma exegese de Platão, mas como um aperfeiçoamento do pensamento platônico no sentido de uma apropriação realizada a partir do que se costuma chamar “os não-escritos de Platão” e não a partir dos Diálogos. G. REALE discute esta questão em *Para uma nova interpretação de Platão*, p. 157-166. De toda maneira, ainda podemos considerar como Francesco FRONTEROTTA em *Plotin: Traités 7-21*, p. 186-7, nota 84, que além da “díade indefinida” corresponder aos “não-escritos de Platão”, Plotino difere de seus predecessores, inclusive Platão, porque segundo ele, “a díade é uma realidade engendrada pelo Um e ela é, portanto, inferior e ‘segunda’ com relação a ele, lá onde o tratamento platônico e acadêmico destas noções parece indicar que seus predecessores situavam o Um e a díade num mesmo plano, num nível hierárquico de existência.” J. M. RIST discute este tema em “The indefinite dyad and intelligible matter in Plotinus”, in *Classical Quarterly*, 12, 1962, p. 99-107. Utilizaremos a grafia maiúscula ao nos referirmos à Díade Indefinida plotiniana.

³¹ Plotino não define de maneira objetiva a Díade Indefinida como Movimento primeiro e Alteridade primeira como o fazemos aqui, embora afirme “que o movimento e a alteridade nascem juntos” e que eles correspondam à matéria. Compartilhamos com Danielle Montet a idéia de que “o movimento e a alteridade, fatores da matéria inteligível, são qualificados de primeiros; este movimento e esta alteridade não afetam o Primeiro, mas se definem ao deixá-lo, ao se afastar. Reciprocamente, considerado então o *Nous*, a matéria é fator de identidade enquanto dimensão constitutiva de toda forma”. Cf. Danielle MONTET, *Archéologie et généalogie*, p. 230.

não muda é a Matéria. A Matéria do Inteligível³³ é o pano de fundo de todo o pensamento de Plotino. Tomando como referência o momento de indefinição pré-noética e o surgimento do Intelecto Amante, a Alteridade Primeira pode ser considerada como sendo aquilo que limita e dá suporte ao Movimento Primeiro do qual ela mesma surge, e a partir do qual decorrem todas as demais relações processivas. Porque a Matéria não se relaciona nem com o Princípio nem com o que dele emana, ela pode ser considerada, por este motivo, como sendo o elemento a partir do qual todas as relações se estabelecem. Interface entre os diferentes níveis de realidade, ela, que permanece impassível, não muda. É difícil expressar aquilo que acontece antes mesmo que tudo aconteça, que existe antes mesmo da existência, o que quer dizer, aquilo que permite que a existência aconteça. Plotino consegue ainda dizer do indizível.

Considerando que tudo o que compreendemos até aqui dizia respeito à Forma, reconhecemos apenas a nossa semelhança com relação a ela. A indeterminação relativa às Formas representa, portanto, uma inversão de perspectiva, pois com relação ao Princípio nada muda. A perspectiva do Um é sempre a mesma. Somos nós que mudamos a nossa perspectiva ao nos aproximarmos da indefinição da Díade. Mas o que significa esta inversão de perspectiva? Quando deixamos de nos relacionar apenas com as Formas à quais nos identificamos, encontramos a indeterminação da Matéria. E é aí que ocorre a inversão do olhar. Se até aqui reconhecíamos a nossa semelhança com relação ao Princípio através dos reflexos presentes nas Formas, ao abandonarmos os reflexos chegamos ao seu “fundo” – a Matéria – a partir da qual surge tanto a possibilidade da determinação e o conseqüente surgimento das realidades, como a inversão da ordem da emanação, ao nos voltarmos e abandonarmos a nós mesmos, realizando no retorno à origem a unificação da nossa Alma. Plotino descreve esta inversão do olhar e a mudança de perspectiva daquele que tem a “experiência do Um”. No momento em que estamos no Um não existe mais o Outro, mas apenas a totalidade que a tudo abarca. E quando retornamos da Unidade suprema descobrimos que nós é que somos outros com relação ao Um, pois só podemos reconhecê-lo a partir da nossa distância e alteridade. Aquilo que conhecemos como nós mesmos se estabelece a partir da distância; é por este motivo que dizemos que quando a distância não existe, não existe nem

³² Plotino utiliza diferentes nomes ao se referir à Díade Indefinida: visão indiferenciada, 7 [V 4], 2, 4-6; desejo, 49 [V 3], 11, 12-13; Vida 38 [VI 7], 17, 13-16; energia primeira, 38 [VI 7], 17, 8-13; eternidade, 45 [III7], 6, 1-12; infinito 34 [VI 6], 3, 1-3, 27-33.

³³ Utilizaremos o termo Matéria do inteligível no sentido do termo grego *hýle noeté* ao invés de matéria inteligível – termo utilizado por E. Bréhier – porque compartilhamos da opinião de P. Aubenque, citada por Jérôme LAURENT, *Les fondements de la nature dans la pensée de Plotin*, p. 103, nota 1, de que o termo proposto por Bréhier “é inexato”.

mais o Si-mesmo. Conhecer a si-mesmo é se reconhecer outro que o Princípio. Embora sejamos atraídos pelas Formas, antes delas se encontra Aquele que nos atrai em primeiro lugar³⁴, ao qual nos relacionamos apenas na medida em que nos despojamos, nós mesmos, de toda Forma, pois com relação à realidade inteligível – diferentemente da sensível na qual o que nos separa são os corpos – o que nos afasta do Princípio é a nossa alteridade.³⁵

Pois os corpos impedem os corpos de comunicarem-se entre si, mas os incorporais não estão separados pelo obstáculo dos corpos. Portanto, não é então pelo lugar que os incorporais podem estar afastados uns dos outros, mas pela alteridade e pela diferença. 9 [VI 9], 8, 31-33³⁶

Deste modo, para que o Deus possa ser re-conhecido pela Alma, esta deve despojar-se de toda Forma³⁷ e, assim, desconhecendo-se a si mesma é Nele que ela é outra, e os dois são Um.

Portanto, quando a alteridade não está presente, as coisas que não tem alteridade entre si estão presentes umas às outras. Ele, portanto, não tendo alteridade está sempre presente, mas nós lhe somos presentes, quando não temos alteridade em nós. 9 [VI 9] 8, 33-37³⁸

Em sua proximidade, o Intelecto Amante toca o Um e o seu conhecimento é imediato. Não tendo alteridade em si o Um está sempre presente em si mesmo e, por isso, é Presença³⁹ para os outros. É na Presença⁴⁰ que conhecemos o Um em nós. O Silêncio diz de si o indizível em seus escritos. E nós só podemos reconhecê-lo quando, abandonando toda alteridade, experimentamos a Presença silenciosa do Um.

Pois não pode haver pensamento sem alteridade e identidade. Portanto, os termos primitivos são a *Inteligência*, o *Ser*, a *Alteridade* e a *Identidade*; a isto é preciso acrescentar o *Movimento* e o *Repouso*; o Movimento já que há pensamento, o Repouso para que o pensamento permaneça o mesmo; é preciso a Alteridade para que haja uma coisa pensante distinta do objeto pensado; suprimam a Alteridade, é a unidade indistinta e o silêncio; é

³⁴ Tratado 38 [VI 7], 33.

³⁵ A relação entre os “Gêneros primeiros” e a alteridade é descrita no Tratado 38 [VI 7] cap. 13 e 39.

³⁶ Tradução de Pierre HADOT, *Plotin: Traité 9*.

³⁷ Tratado 9 [VI 9], 7, 15.

³⁸ Tradução de Pierre HADOT, *Plotin: Traité 9*.

³⁹ Utilizaremos a grafia maiúscula ao nos referirmos à Presença no sentido do termo grego *parousia*.

⁴⁰ Com relação à Presença, encontramos nos Tratados 9 [VI 9], 38 [VI 7] e 49 [V 3], representativos de cada uma das fases da escrita de Plotino, as seguintes referências à Presença: Tratado 9 [VI 9], 4,3; 4,25; 7,5; 8,27; 8, 30-35; 9,49; 11,23-25; Tratado 38 [VI 7], 34; 35, 21-22; Tratado 49 [V 3], 16, 26; 17,12; e, ainda, o Tratado 31 [V 8], 11,1-22.

preciso a alteridade para que as coisas pensadas se distingam entre elas; e a identidade, já que elas são uma unidade em si, e que há em todas alguma coisa de comum; sua diferença específica é a Alteridade. 10 [V 1], 4, 34-39⁴¹

Ponto de partida e de chegada, a afirmação acima é emblemática do Silêncio plotiniano. Perseguindo a trilha de Plotino e acompanhando passo-a passo a evolução de seu pensar, podemos, a partir das definições de Presença como “ausência de alteridade”⁴² e de Silêncio como a “supressão da alteridade”⁴³, reconhecer, entre outras coisas, que por meio da Presença o Silêncio fala em seus escritos.⁴⁴ A Presença, a solidão e as alusões sonoras dizem do Silêncio⁴⁵, ainda que muitas vezes de forma indireta. O desejo de encontrarmos “um lugar para o Silêncio” nos leva ainda a buscá-Lo em “todos os lugares” e, diante da impossibilidade de o encontrarmos em “algum lugar”, perseguindo ainda a nossa meta, somos constrangidos a reconhecer que, se quisermos de fato encontrá-lo, somos nós que teremos que abandonar “o nosso lugar” (o pensamento) para estarmos na Presença com Ele em Tudo. Por isso Plotino nos fala:

É necessário partir em silêncio e no embaraço de nossas reflexões, é preciso parar de questionar. O que procurar já que nós não podemos ir além? Toda busca vai até um princípio, e ali ela pára. 39 [VI 8], 11, 2-4⁴⁶

A busca só termina quando “encontramos” aquele que tanto buscamos. E, para encontrá-lo, devemos, no final, renunciar àquilo que de mais precioso dele recebemos. O abandono da alteridade e da conseqüente identidade é necessário para que logremos sair da necessidade, pois aquele que está na falta necessita exatamente do que não possui, e para

⁴¹ Tradução de E. BRÉHIÈR, *Plotin: Ennéades V*. Optamos pela tradução de Bréhière porque esta se aproxima mais daquilo que pretendemos afirmar, ou seja, que o silêncio é ausência de alteridade. Apresentamos, a seguir, as versões em francês de Bréhière e de Fronterotta: “Supprimez l’alterité, c’est l’unité indistincte et le silence” (Bréhière); “si tu supprimes la difference, il ne restera plus qu’une unité silencieuse” (Fronterotta).

⁴² PLOTINO, Tratado 9 [VI 9] 8, 33-37.

⁴³ IDEM, Tratado 10 [V 1], 4, 34-39.

⁴⁴ Com relação à Presença, encontramos nos Tratados 9 [VI 9], 38 [VI 7] e 49 [V 3], representativos de cada uma das fases da escrita de Plotino, as seguintes referências à Presença: Tratado 9 [VI 9], 4,3; 4,25; 7,5; 8,27; 8, 30-35; 9,49; 11,23-25; Tratado 38 [VI 7], 34; 35, 21-22; Tratado 49 [V 3], 16, 26; 17,12; e, ainda, o Tratado 31 [V 8], 11,1-22.

⁴⁵ Numa tentativa de extrair do conjunto dos Tratados as referências diretas ou indiretas ao Silêncio, buscamos, em nossa escrita, apresentar através das citações as referências encontradas cuja síntese apresentamos a seguir: Tratado 1 [I 6], 7, 1-14; Tratado 10 [V 1], 4, 34-39; 10[V 1], 12, 12-20; Tratado 27 [IV 3], 4, 26-28; Tratado 28 [IV 4], 8, 55-56; 28 [IV 4], 45, 27; Tratado 30 [III 8], 4, 1-22; 4, 27; 5, 26; 6, 12-14; 6, 25-31; 9, 27-30; Tratado 31 [V 8], 7,25; 11, 1-22; Tratado 38 [VI 7], 12, 26-30; Tratado 39 [VI 8], 11, 2; Tratado 45 [III 7], 12, 1-3; Tratado 49 [V 3], 10, 40-54. Embora não tenhamos citado nada com relação à questão sonora em Plotino, não poderíamos nos furtar de indicar aos interessados o estudo do cap. 5 do Tratado 29 [IV 5] que trata dos sons, sem fazer nenhuma referência à questão do Silêncio, seja ele sensível ou inteligível.

⁴⁶ Tradução de E. BRÉHIÈR, *Plotin: Ennéades VI*.

possuir o que deseja deve abandonar aquilo que representa nele a falta, ou seja, a alteridade. Temos que deixar, abandonar a falta se quisermos encontrar aquilo que tanto procuramos, se quisermos estar na Presença em Deus. Plotino não fala do Silêncio, mas conduz a Ele. O caminho solitário entremeado de belas paisagens acompanhadas da luz daquele que nos guiou até aqui deve, para além das palavras e de sua companhia, ser deixado. Se a partir do Intelecto o caminho é solitário, pois não se faz mais necessária a presença de guias, agora é a própria solidão do “só com o Único” que deve ser ainda abandonada. E esta é a maior dor da Alma. Deixe tudo o que conquistou até aqui, o conhecimento de si, sua auto-suficiência e o mais alto do Intelecto. Renuncie a tudo imitando o Um, que não pensa nada, não tem nada, é nada.⁴⁷ As dores do parto da Alma que se despoja de tudo só termina quando ela consegue “dar à luz”; quando ela se torna a luz que lhe ilumina. As dores não cessam até que o parto tenha se consumado⁴⁸ e que a luz seja vista por si mesma sem qualquer mediação, pois a luz que é vista e a luz que ilumina são agora uma Única e mesma luz. Tudo se faz luz! Tudo é Silêncio!

A novidade de Plotino reside na maneira como, a partir da distância e da separação, evidencia-se a ligação de todas as coisas com o Um. Não devemos considerar, portanto, que a originalidade de Plotino se expresse naquilo que ele diz do Um, mas sim na maneira como, a partir da distância que o pensamento instaura e do reconhecimento da separação que este induz, Plotino conduz à sua meta – a coincidência com o Um. É ao reconhecermos a nossa separação e distância, porque não perdemos a ligação com Ele, que dizemos que Ele está separado. Ao afirmar a separação conheço a distância cujo salto realiza-se, em plenitude, na coincidência, ou seja, na experiência unitiva. Plotino convida à coincidência através do reconhecimento da Alteridade, da diferença capaz de conduzir através do mesmo movimento que diferenciou ao reconhecimento da ligação jamais rompida. Dizer que o Um está separado é um artifício, o único artifício capaz de evidenciar a separação e de nos conduzir, por meio do pensamento, à noção de separação que ele mesmo instaura e que, todavia, deve ser abandonada, porque a separação é, ela também ilusão, a última ilusão. Plotino, portanto, dribla o pensamento com o pensamento e vai além, vai à Fonte e Origem, sem, porém, falar da Fonte e da Origem. Ele não fala nada do Um – não por impossibilidade devida a uma limitação e sim por sua infinitude – mas atrai tudo a Ele tornando-o inacessível.

⁴⁷ Reflexões a partir dos comentários de Bertrand HAM, *Plotin: Traité 49*, p. 277-278.

⁴⁸ Ao falar das dores de parto Plotino retoma a idéia do *Teeteto* (148e – 151d) de Platão onde Sócrates se intitula “parteiro de almas”. É no Tratado 49 [V 3], 17, 15-21 que Plotino relembra o poder de encantação das palavras e de seu próprio discurso para, como Sócrates, criar a tensão que conduz à luz e, ao mesmo tempo, aliviar as suas dores de parto.

Num primeiro momento, penso que o Um, ou o Deus, é o “outro”, e que estamos separados. Depois descubro que eu sou “outra” que Ele. Quando reconheço que sou outra que Ele descubro que não estamos separados (a não ser em pensamento⁴⁹). Só pensamento nos separa de Deus ou do Um. Quando o pensamento cala, tudo o mais silencia. Quando aceitamos que nada podemos conhecer do Um e que nada podemos dizer do Silêncio, calamos. Calamos ao reconhecermos que jamais nos separamos Dele. Reconhecer a não separação do Um, eis o desafio...

⁴⁹ Tratado 43 [VI 2], 3, 27.